

Obra e pensamento de Calvino

O movimento que nasceu da obra e do pensamento de João Calvino, o calvinismo, geralmente é reconhecido no meio evangélico atual como sendo centrado meramente na doutrina da predestinação e no batismo infantil. Contudo, esse é um reducionismo que perde de vista a beleza da obra e do pensamento deixados pelo Reformador. Em seguida, veremos alguns aspectos do pensamento de Calvino refletido em seus sermões, comentários bíblicos, cartas e nas Institutas.¹ Devo toda essa seção a obra de Hermisten Maia Pereira da Costa intitulada “João Calvino 500 anos: Introdução ao seu pensamento e obra” lançada em 2009 por ocasião dos 500 anos do nascimento de Calvino.

A formação de Calvino mostrou-se bastante importante para o desenvolvimento de seu pensamento e obra, desde que o reformador aplicou sua formação humanista em um método de interpretação da Escritura que enfatizava de modo inegável a simplicidade, a objetividade e a submissão à Palavra. O apego à autoridade das Escrituras e a firme convicção da Inspiração das mesmas são traços marcantes de sua obra. Calvino insiste na autoridade das Escrituras sobre a Igreja, sua tradição e mesmo sobre os Credos e Confissões, invertendo a ordem de autoridade pretendida pela Igreja Romana.

Para Calvino, a revelação era uma acomodação do Deus infinito ao ser humano finito e débil, na qual o Criador se revela à sua criatura levando em consideração nossa triste condição de ignorância. O reformador deixa clara a dependência que o ser humano tem do próprio Deus para compreender as Escrituras ao relacionar de forma indissolúvel o Espírito e a Palavra, de forma que sem a iluminação do Espírito não podemos compreender a Palavra inspirada pelo próprio Espírito.

Calvino se mostrou tão submisso à Palavra de Deus e tão apegado a ela a ponto de afirmar que a Teologia é apenas uma serva das Escrituras, não podendo jamais ser produzida por interesse acadêmico, senão em um ato apaixonado pelo Deus que se revela nas Escrituras. Para fazer Teologia, portanto, é necessária fidelidade inegociável para apenas expor as Escrituras em submissão. O temor de Calvino era tal neste sentido que o mesmo se recusou a expurgar, por meio de intrincadas explicações, os paradoxos presentes na Escritura. Calvino, considerado com razão o sistematizador da reforma, jamais pretendeu esgotar os mistérios das Escrituras, mas em ato de pura obediência se limitou a contemplá-los.

O método de Calvino, portanto, era apenas comentar as Escrituras e desse trabalho vem sua obra, tanto as Institutas como seus comentários, que por sinal mantinham uma estreita relação entre si por serem ambos amparados na Escritura. A visão de Calvino sobre a interpretação bíblica influía diretamente sobre sua visão ministerial, pois para ele o ministro é um despenseiro da Palavra de Deus, um arauto que proclama não a sua palavra, mas somente aquela que vem do Senhor. A tarefa da pregação era vista essencialmente sob este prisma por Calvino, sendo o púlpito o lugar da Palavra de Deus e não dos devaneios do ministro. Para o reformador, a erudição do pregador consistia em tratar de temas complexos de forma clara e simples. Nisto consistia a própria profundidade de Calvino, em seu estilo inconfundível, que repete por várias vezes ao longo de sua obra sua própria aversão a interpretações engenhosas e bizarras, chegando a talhar um estilo enxuto e direto, em uma “lúcida brevidade”.

Por causa de seu estilo direto e cortante, Calvino expôs com singular simplicidade e clareza temas dos mais controversos da fé cristã, em especial a Doutrina da Eleição. Partindo de uma perspectiva pastoral, Calvino enfocava a doutrina em termos da Graça Divina e da Depravação Humana. Para Calvino, a Doutrina da Eleição não deveria ser sucateada ou menosprezada, mas sim estudada para que o cristão pudesse conhecer as maravilhas para ele reservadas como propósito da Eleição. O resultado não deveria ser de forma alguma a apatia ou falsa segurança, como afixado por alguns, mas segurança da Graça Divina que impele à santidade e ao serviço, à humildade e ao temor.

Calvino enfatizou de forma consistente ao longo de sua obra que o homem só pode se conhecer como realmente é no ambiente do relacionamento com seu Criador por meio da cruz. Por isso mesmo, como já foi dito antes, o humanismo de Calvino tinha um referencial na Sagrada Escritura e era claramente cristocêntrico. Assim, o reformador entende o ser humano à luz de sua criação: feito à imagem e semelhança de seu Criador. Com a usual objetividade e clareza, Calvino entende os termos “imagem” e “semelhança” como sinônimos, afirmando que esta “imagem e semelhança” não significam apenas a dimensão física do homem nem seu domínio sobre a criação, mas consiste justamente na retidão e santidade que o homem possuía originalmente, bem como sua imortalidade e faculdades da razão e afeição. Para Calvino, o homem não perdeu completamente a imagem de Deus na queda, mas certamente os efeitos se mostraram graves e permanentes nesta vida, desde que a regeneração em Cristo não arranca de nós a velha natureza. Embora nossa natureza pecaminosa não seja expurgada na conversão a Cristo, a cruz é um constante instrumento de restauração da imagem de Deus em nós, pois através de Cristo a imagem original vai sendo restaurada à sua antiga forma.

¹ COSTA, Hermisten Maia Pereira da. João Calvino 500 anos. Introdução ao seu pensamento e obra. São Paulo: Cultura Cristã, 2009, 400p.

Um dos temas mais enfocados e largamente explanados por Calvino em sua obra é a oração. Para Calvino, a oração é o ambiente ideal para se produzir teologia, e essa afirmação de fato ajuda o leitor a entender o pano de fundo de sua obras e de sua reverência. Orar é elevar a alma a Deus, segundo o reformador, indo além das circunstâncias e de si mesmo para encontrar-se com o Senhor em reverência e profundo arrependimento. Para isto, a oração não poderia ser apenas um exercício de imaginação criativa para Calvino, mas a escola da oração deveria ser as Escrituras, especialmente o livro dos Salmos. Destaca-se a importância que o reformador deu aos Salmos não apenas na vida de oração, mas na adoração comunitária. Para Calvino, oração não era uma questão de causa, mas de efeito. Para ele, orar é resultado da eleição e da salvação em Cristo, resultado claro da adoção realizada em nós por meio do Espírito Santo. Logo, o primeiro e principal agente da oração é o próprio Deus, que traz o homem a si em Cristo e lhe incute o desejo de orar.

O reformador deu grande ênfase ao aspecto da oração como um exercício de fé na providência. Essa faceta da oração mostra como Calvino relacionava o tempo todo a devoção com a soberania, de forma que essas coisas pudessem andar completamente unidas. Logo, ao orar o adorador deve ter plena confiança de que Deus está lhe ouvindo e que o Senhor responderá à sua oração, pois orar é colocar-se em pleno contato com a providência, o poder e a bondade de Deus. A relação entre a oração e a providência não é diretamente óbvia. Calvino entendia que a providência consiste no cuidado integral de Deus para com seus filhos, não apenas em casos especiais de necessidade mas o tempo todo, mesmo que não percebamos. Logo, se Deus cuida integralmente dos seus, por que oramos? Calvino mostra de forma magistral que a oração não foi dada aos santos como ferramenta de manipulação de Deus nem para o bem do próprio Deus, mas para o bem do seu povo. A oração é o canal através do qual se deixa fluir a ansiedade, de modo que aquele que ora possa exercitar sua fé na providência, reafirmando o cuidado de Deus e recebendo a paz que vem da consciência desse cuidado.

Calvino mantém sempre em foco sua visão do homem como criado por Deus, e é justamente dentro deste contexto que o reformador vê a necessidade que o ser humano tem de adorar a Deus. O ser humano, imagem e semelhança do seu Criador, é intrinsecamente inclinado para o transcendental por que assim fora criado. Por isso a adoração se constitui em matéria essencial da vida cristã, uma real necessidade gerada no cristão pela presença do Espírito de Cristo. Se adoração é uma necessidade incrustada no coração humano pelo Espírito, o culto é o ambiente adequado para expressão comunitária desse anseio por Deus. Mais do que isso, o culto é um momento de volta para Deus. Através da liturgia, da Palavra e dos Sacramentos, a comunidade se volta para Deus em arrependimento e adoração.

Para Calvino, a liturgia devia ser rigorosamente orientada pelas Escrituras. Em um exemplo, esta submissão às Escrituras levou o reformador a entender que o louvor comunitário deveria ser realizado apenas com as vozes do adoradores, sem o uso de qualquer instrumento. Os elementos essenciais do culto para Calvino eram a pregação da Palavra, a Ceia, ofertas e oração. Exatamente por ver que a ministração do Sacramento da Ceia era essencial aos cultos da Igreja Primitiva, Calvino intentou realizar a Santa Ceia em Genebra semanalmente, unindo de forma indissolúvel no culto público Palavra e Sacramento. Contudo, Calvino não obteve o apoio dos magistrados, que decidiram continuar a prática de celebrar a Ceia no Natal, na Páscoa, no Pentecostes e na Festa da Colheita.

Uma das maiores contribuições de Calvino não apenas para a França de seu tempo, mas para a Europa e por que não o Ocidente, foi a visão que o reformador tinha a respeito da necessidade premente de educação. Para Calvino, a educação era especialmente necessária ao cristão para que o mesmo pudesse expressar e professar sua fé, de modo a não partilhar da fé implícita dos papistas, mas uma fé explícita e clara. No entanto, para que os cristãos pudessem expressar sua fé, era necessária uma sólida educação cristã. A partir dessas necessidades o reformador fundou a Academia de Genebra. Este centro de educação possuía uma filosofia de educação tão completa, alcançando esferas da educação e da formação religiosa, que o próprio Calvino via as conseqüências missionárias se desenrolarem diante de seus olhos, enquanto alunos da academia voltavam para suas cidades de origem professando a fé reformada.

Calvino foi de fato um reformador e a abrangência do seu trabalho não se limitou às cercanias da Igreja, ficando restrito em temas intra muros, mas tocou em questões tão importantes de seu tempo como educação e trabalho. Indo na contramão da visão medieval acerca do trabalho, herdeira de um conceito greco-romano, Calvino via no trabalho uma bênção dada por Deus ao homem como resultado de uma vocação, um chamamento para servir ao Senhor e aos outros dentro do contexto do trabalho prestado à comunidade. Para o reformador, trabalhar era sinal de dignidade e até certo ponto concedia ao trabalhador um sentido, uma função e dignidade. Assim, o cristão deveria trabalhar, ter o sadio hábito de poupar recursos (inclusive para ajudar outras pessoas) e ter vida simples e sem ostentação. Calvino entendia que a exploração do trabalho alheio e a agiotagem eram práticas pecaminosas que constituíam uma forma sutil de roubo.

No aspecto científico, pode-se dizer que há uma espécie de mitologia em torno de João Calvino. Remontando a fontes questionáveis, tem-se dito que o reformador teria combatido as ideias de Copérnico, em uma atitude anticientífica. De fato, Calvino era geocêntrico, como o era a maioria das pessoas de seu tempo, já que este era o senso comum naquela época. Calvino de forma alguma pode ser encarado como alguém avesso aos avanços científicos que já se verificavam em sua época. Muito pelo contrário, chegava a ter uma admiração pela medicina e pela astronomia.

Finalmente, é importante destacar que o calvinismo é muito mais do que a herança doutrinária de João Calvino, mas que constitui em uma gama de valores e ideais tão vastos e valiosos a ponto de se tornar um modo de ver o mundo e viver a vida, uma cosmovisão.